

**Levantamento estatístico em um arranjo produtivo local:
aspectos metodológicos e alguns indicadores de relações de trabalho e de produção**

Maria de Fátima Ribeiro (IBGE) fribeiro@ibge.gov.br

Roberto Wagner Júlio (IBGE) rwagner@ibge.gov.br

Gilson Flaesher (IBGE) gilsonflaesher@ibge.gov.br

Luiza Rosângela da Silva (UFRJ) lrs@rio.com.br

Resumo:

Este artigo apresenta alguns aspectos da estrutura produtiva e das relações de trabalho no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, no Rio de Janeiro, bem como da metodologia utilizada no levantamento censitário realizado entre os meses de outubro e dezembro de 2004.

Palavras-chave: Pesquisa estatística; relações de produção; arranjo produtivo local.

1. Introdução

As atividades informais esbarram na multiplicidade de aspectos impeditivos de uma abordagem amplamente esclarecedora. O IBGE realizou, já pela segunda vez, a pesquisa Economia Informal Urbana (2003), cujos resultados dão conta da proporção que assume, a cada dia, os empreendimentos até cinco empregados e aqueles de trabalhadores autônomos.

A Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, hoje integrante do Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, transformou-se no maior equipamento de lazer do Rio de Janeiro. Embora objeto de inúmeros trabalhos acadêmicos, havia grande dificuldade de encontrar dados concretos sobre décadas de Feira, enquanto o Centro era tão recente que não haveria muito de consolidado já mostrado: o concreto do pavilhão era ainda um território muito menos sedimentado que a Feira. O meu exercício, portanto, buscava a dupla função de compensar estas faltas e imprimir uma visão mais humana a dados inéditos.

Esta nova configuração mereceria uma pesquisa exaustiva que cobrisse todas as barracas e investigasse o que se faz, como se faz, e quem faz. E, pela primeira vez, além da escuta e do acompanhamento, as atividades seriam levantadas de forma sistemática, ganhando uma abordagem estatística que contemplasse as peculiaridades e as similaridades já observadas durante os primeiros meses de tomada de depoimentos.

2. Um campo de trabalho

As atividades que deram origem à Feira Nordestina e, posteriormente, ao Centro de Tradições, remontam a um tempo em que o trabalho assalariado seria a ocupação principal de seus comerciantes – o que talvez explique seu início nos fins de semana, dias de folga semanal. Para garantir um bom espaço na feira de domingo, onde não havia marcação predeterminada para a armação de barracas, alguns feirantes chegavam no sábado à noite para “marcar o lugar” da barraca e, durante a armação e enquanto a feira não começava propriamente, a festa já começava. O comércio, que começa como opção secundária ou transitória de muitos, cresce e passa a receber um público cada vez maior a cada final de semana; torna-se palco de disputas de

lideranças pelo controle dos feirantes e atrai a preocupação do poder público com a regulação das atividades ali desenvolvidas. Em 1999 havia 252 barracas licenciadas, embora o número real da Feira pudesse ultrapassar 700 barracas, segundo ata de assembléia da Comissão de Organização e Administração da Feira,

Entre acordos e desacordos, conflitos internos e influências externas, o Pavilhão de São Cristóvão - premiado projeto do arquiteto Sérgio Bernardes para a Exposição Internacional de Indústria e Comércio de 1950 -, teve seus 18 mil metros quadrados adaptados pela Prefeitura do Rio para abrigar a Feira de São Cristóvão em 664 barracas de alvenaria com instalações de água, luz, ponto para telefone. Em setembro de 2003, o espaço foi inaugurado com uma estrutura que contou com estacionamento para cerca de 700 carros, dois grandes palcos, 128 banheiros e muito espaço para dança.

A distribuição das barracas no novo Centro distanciou antigos vizinhos, agregou novos feirantes, hierarquizou barracas em vias principais e secundárias num espaço fechado. Alguns feirantes se tornaram pequenos empresários e empregam mais de 40 pessoas; alguns pequenos empresários se tornaram feirantes, ou “barraqueiros”, como são conhecidos, quando estendem seus negócios para “dentro” da Feira. Novos grupos se formam, se reorganizam, alguns grupos se enfraquecem, outros se fortalecem.

A cada depoimento, olhares diferentes se revelavam em reclamações, elogios ou denúncias. À dificuldade de estar em um novo lugar parecia somar-se um esforço para resistir a uma mudança - que muitos entendiam ser obrigatória - também em nível pessoal, posto que as práticas “lá de fora” não poderiam continuar “aqui dentro”, pois este novo espaço parecia demandar treinamento e orientação para “profissionalizar” os feirantes.

Ao lado de pequenos empresários está o feirante que trabalha por conta própria, sozinho. Se o feirante que vendia ferramentas para uso em construção civil, ou fumo de rolo, ou fitas K-7 gravadas, por exemplo, não vende o que esperava, apesar da Feira cheia, e faz algumas mudanças no negócio - ou mesmo uma mudança de negócio - pode estar tentando adequar-se a esta “nova realidade” que apenas se delineou.

É importante esclarecer que nossa pretensão não foi fazer simplesmente um levantamento estatístico, mas tão somente tornar possível uma leitura mais concreta dos múltiplos fatores econômicos e sociais que, coletivamente, se configuram na identidade do Centro de Tradições Nordestinas.

2.1. Programas utilizados

Era necessário encontrar uma forma de processamento e apresentação dos dados o mais eficiente e flexível possível, para públicos diferentes, sendo atraente a capacidade de alterar a maioria dos elementos gráficos, como fontes, símbolos,. Além da personalização, um consenso sobre como facilitar a avaliação dos possíveis relacionamentos existentes entre diversas variáveis, bem como a interpretação de resultados estatísticos e a representação gráfica. Optamos, então, por utilizar os softwares *Visual FoxPro* e *Minitab*, o primeiro para a entrada e armazenamento de dados e o segundo para a elaboração dos gráficos e tabelas que apresentamos neste artigo.

O *Visual FOXPRO 8.0* é uma ferramenta poderosa para criação de aplicativos e componentes de banco de dados, tem uma linguagem centrada em dados que pode ser voltada para objetos, ou seja, é possível transformar estes dados num ponto determinado num espaço também determinado, ou seja, geo-referenciar estes dados. Esses recursos podem ser de grande utilidade para pesquisadores, administradores públicos e mesmo para a Cooperativa, que pode ter vários

“retratos instantâneos” de sua população constituinte, usando-os como informação para fechar negócio ou mesmo para, muito simplesmente, orientar turistas e visitantes em geral.

Funcionou, no caso de nosso estudo, para o desenho do formulário, atribuindo a cada campo possível de resposta uma capacidade dinâmica, de interação com os outros campos e de localização espacial *a posteriori*.

O *Minitab* ajuda na apresentação e na formatação das informações das pesquisas, sendo utilizada desde a personalização de gráficos até os títulos e rodapés de tabela. Dentre os interesses diretos de um trabalho científico. Decisões estatísticas comumente residem sobre o teste de hipóteses, em que há um pressuposto cuja veracidade é testada segundo os dados amostrais. O *Minitab* trabalha a partir do conceito de “experimentos”, série de verificações em que as alterações -inserção de variáveis ou fatores – que permite coletas a cada verificação. Pode-se investigar simultaneamente os efeitos de variáveis múltiplas (fatores) em uma variável de saída (resposta).

Profissionais de controle de qualidade, em engenharia de produção, podem usar o *software* para identificar as condições do processo e produto que influenciam a qualidade, para então determinar as configurações de variáveis de entrada (fatores) que maximizam os resultados. O programa permite recursos bastante úteis mesmo para quem não tem muita familiaridade com a manipulação de dados estatísticos e seus gráficos e textos podem ser exportados para os programas mais populares do ambiente *Windows*, como o *Word*. Cada relatório gerado pelo programa permite também imprimir ou salvar arquivos em formato *RTF* (*rich text format*) ou *HTML*, o que permite gerar publicações eletrônicas ou impressas com grau acentuado de controle.

No entanto, uma capacidade decisiva para a escolha do *Minitab* foi a capacidade de “importar” tabelas já configuradas em outros programas, como o popular *Excel*. Pode-se, com isso, atualizar os dados deste estudo futuramente, com a inserção de dados combinados de diferentes origens.

Como campo em que atuam profissionais e pesquisadores de várias procedências disciplinares, a Engenharia de Produção pede rigidez na qualidade da informação mas flexibilidade na apresentação. Ademais, nosso intuito, lembramos, era o de contemplar as lacunas de informação sobre a Feira – na sua roupagem de Centro – conforme os imperativos de um trabalho científico estrito; no entanto, nosso objeto tem inegável complexidade e importância no cenário sócio-econômico da cidade do Rio de Janeiro e, sob alguns pontos de vista - migrações, turismo etc - mesmo do Brasil. Isso transforma o Centro num alvo de interesses variados que pretendíamos, modestamente, de alguma maneira contemplar.

2.2. Conceitos, critérios e procedimentos adotados

Estruturamos os questionário em blocos. O primeiro bloco contempla a localização e tipificação da unidade produtiva, além de características do responsável, aspectos sociais. No segundo bloco detalhamos as características da unidade de negócio, inclusive investigando a forma de determinação de preços, o tipo de cliente (atacadista, varejista, para uso particular ou em negócio), o que vende e quanto vende. No terceiro bloco levantamos informações de acesso ao crédito, pessoal ocupado na unidade produtiva e vínculo empregatício, dias e horas de funcionamento e, por fim, pedimos que avaliassem a situação do negócio comparativamente à situação anterior à entrada no pavilhão.

Os termos utilizados no questionário têm uma acepção específica. Não nos deteremos em todas as questões, em muitas das quais os termos são auto-explicativos, mas convém elucidar algumas acepções.

BARRACA – Utilizamos o termo barraca para designar o espaço fixo e coberto destinado a abrigar empreendimento gerador trabalho. Este espaço pode ou não ter seus limites aparentes com a utilização de paredes ou grades. Também vários destes espaços podem encontrar-se agregados a outros semelhantes.

UNIDADE PRODUTIVA – Chamamos unidade produtiva o empreendimento gerador trabalho e renda instalado no espaço relativo a uma ou mais barracas, contíguas ou separadas. Neste último caso, desde que constatada a mesma estrutura de gestão e propriedade.

UNIDADE DESTINADA A OUTROS FINS – consideramos unidade destinada para outros fins as barracas ocupadas exclusivamente para depósito ou alojamento.

UNIDADE FECHADA OU VAGA – grupamos nesta categoria aquelas unidades que se encontravam fechadas no período da pesquisa de campo, vazias ou não.

PESSOA RESPONSÁVEL - optamos por caracterizar como pessoa responsável pela unidade produtiva o feirante que tem sob sua responsabilidade as atividades da unidade produtiva, com poder de decisório e cuja renda esteja diretamente ligada ao desempenho do empreendimento. Com esta definição pretendíamos evitar investigar problemas relativos a uma verificação da titularidade legal das barracas, assunto evitado por aqueles que alugam, arrendam ou compraram a barraca de antigos feirantes, entre outras situações proibidas oficialmente. O importante seria ter as informações da pessoa que efetivamente fosse responsável pela unidade produtiva. A pessoa responsável tanto poderia ser um trabalhador individual como um empregador, mas em oito unidades produtivas as informações foram dadas pelo gerente e a ele se referiram as informações individuais.

FEIRANTE – Este termo designa a pessoa responsável que trabalha em uma ou mais unidades de negócio semanalmente no Centro de Tradições Nordestinas, em atividades de produção ou venda de bens e serviços. Desta maneira, apenas os trabalhadores das unidades de negócio estarão considerados na pesquisa, sendo excluídos os artistas, os vendedores ambulantes, as barracas desmontáveis móveis, e as pessoas envolvidas nas atividades de gestão, conservação, segurança, limpeza das áreas comuns do Centro de Tradições Nordestinas, ainda que nele trabalhem regularmente.

IDADE – Anos completos em outubro de 2004.

TEMPO NA FEIRA – Anos completos de trabalho e/ou negócio na feira em outubro de 2004

TEMPO DE MIGRAÇÃO – Considera-se o tempo fora da unidade da unidade da federação natal com o propósito de moradia, em anos completos em outubro de 2004.

ESCOLARIDADE – Registramos *sabe ler e escrever* para quem declarou isto, mas não freqüentou escola. Para os graus de escolaridade concluídos antes da reforma do ensino, estabelecemos a seguinte equivalência: o *primeiro grau incompleto* compreende os cinco anos do ensino fundamental ou do antigo primário; o *primeiro grau completo* compreende o antigo ginásio; o *ensino médio* é relativo aos três anos dos antigos científico e clássico, além dos cursos técnicos, normal ou pedagógico, inclusive os que tenham ano adicional. Curso superior corresponde ao terceiro grau, completo ou incompleto.

PRINCIPAL MOTIVO QUE O LEVOU À FEIRA – Consideramos a declaração do responsável, e registramos apenas uma resposta. No caso de mais de um motivo, o responsável avaliou o que seria mais determinante.

ATIVIDADE REMUNERADA OU RENDA FORA DO CENTRO DE TRADIÇÕES – registramos a declaração do responsável, mesmo que não haja uma periodicidade definida ou constante.

DESCONTA PREVIDÊNCIA, É BENEFICIÁRIO OU PENSIONISTA – investigamos aqui se há algum tipo de vínculo com a seguridade social pública, direta ou indiretamente, isto é, como beneficiário ou pensionista.

NEGÓCIO NO CENTRO DE TRADIÇÕES – registramos aqui se o responsável tem ou não outro negócio fora do Centro de Tradições.

PESSOAS TRABALHANDO – Consideramos pessoas trabalhando aquelas que estavam em exercício na unidade produtiva e atendessem a um dos seguintes critérios¹:

- Ocupação remunerada em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas etc) na produção de bens ou serviços; ocupação sem remuneração na produção de bens ou serviços desenvolvida durante pelo menos uma hora semanal em ajuda a membro da família familiar que tivesse trabalho como empregador ou trabalhador por conta própria.

Não caracterizamos pormenorizadamente a posição das pessoas no trabalho. O quantitativo apresentado abrange tanto o ajudante ou auxiliar como empregadores, sócios e membros não remunerados da família, pois muitas unidades produtivas apresentam uma estrutura gestonária familiar que não separa os papéis familiares – ou mesmo as finanças - das atividades no trabalho: *peças da família* – pessoas ligadas ao responsável pela unidade produtiva por laços afetivos ou de parentesco que trabalham na unidade produtiva, segundo a informação do responsável pela unidade produtiva; *empregados com carteira assinada* – esta categoria encontra-se definida mais à frente. Aqui apresenta o número corresponde ao total de pessoas com carteira assinada pelo responsável da unidade produtiva e não guarda relação com o número de pessoas da família trabalhando na unidade produtiva.

OCUPAÇÃO ANTES DE TRABALHAR OU TER NEGÓCIO NA FEIRA - Definimos como ocupação anterior aquela que a pessoa responsável costumava exercer, ainda que não fosse a última atividade exercida: *empregado com carteira assinada ou servidor público* – definiu-se desta maneira a pessoa que trabalhava para empregador, em empresa ou instituição do setor formal, com os vínculos empregatícios que a legislação determina. Incluímos aqui, também, o trabalhador doméstico contratado por pessoa física ou jurídica; *empregador do setor formal* – Ficou nesta categoria o empregador responsável por empreendimento legalizado onde empregue mais de cinco pessoas²; *empregado sem carteira assinada* – esta situação se caracterizou quando o empregado não tem forma contratual legal de trabalho que lhe ofereça garantias baseadas na Consolidação das Leis Trabalhistas; *empregador do setor informal* – desta forma foi caracterizado aquele empregador responsável por empreendimento onde empregue até cinco pessoas; *trabalhador autônomo* – nesta categoria ficaram aqueles trabalhadores que exploram seu próprio empreendimento, sozinho ou com empregado não remunerado ou sócio. Incluímos aqui tanto os trabalhadores cuja autonomia está formalizada junto ao Ministério do Trabalho quanto os por conta própria e biscateiros; *não trabalhava* – situação onde nenhum dos critérios para *trabalho* foram atendidos. Não incluímos aqui a pessoa sem trabalho por estar desempregada.

DORMIR NA FEIRA – categorizamos as unidades produtivas a partir do pernoite de pessoas na Feira, da seguinte forma: *não dorme* – contexto onde as pessoas da barraca, no último ano, tiveram por hábito voltar para suas casas após as atividades com o intuito de descanso; *raramente dorme* - contexto onde as pessoas tinham por hábito retornar às suas casas à noite, após o término das atividades, somente em casos extremos permanecendo na Feira, em

¹ Nota: Estes são critérios adotados pelo IBGE na caracterização de *trabalho*.

² Nota: Neste caso, seguimos as determinações da OIT, que considera *informal* o empreendimento com até cinco pessoas.

alojamento improvisado, com o intuito de descanso; *às vezes dorme* – situação em que as pessoas tinham por hábito permanecer na Feira à noite, após o término das atividades, em alojamento improvisado, com o intuito de descanso, pelo menos uma vez ao mês; *frequentemente dorme* – contexto em que as pessoas tinham por hábito permanecer na Feira à noite, após o término das atividades, em alojamento improvisado, com o intuito de descanso, pelo menos uma vez por semana.

MAIOR RENDA DA UNIDADE PRODUTIVA – Procuramos identificar a unidade produtiva a partir das suas características principais, ainda que esteja havendo uma constante busca de “adaptação ao mercado” para garantir uma renda melhor. Cada unidade produtiva pode agregar produtos e serviços em conjuntos surpreendentes, mostrando a flexibilidade e a versatilidade próprias do setor informal, comuns a quem precisa sobreviver e sabe superar adversidades.

Visando melhor compreender a pluralidade das unidades produtivas do Centro de Tradições, optamos por categorizar as atividades principais a partir da maior renda obtida na unidade produtiva no mês de agosto. A caracterização de uma atividade principal nas unidades produtivas considera a seguinte tipologia: *venda de produtos fabricados por terceiros* – unidades produtivas caracterizadamente de comércio, ainda que possam desenvolver outro tipo de atividade; *venda de produtos de fabricação própria (em outro local)* – unidades usadas principalmente para comercializar a produção própria, geralmente produtos da indústria rural, como farinhas; alimentos de preparação artesanal ou semi-industrial, como bolachas, bolos e cocadas, além da venda de produtos de lavouras próprias, de animais abatidos de criação própria e da venda de confecções próprias; *preparo de refeições na unidade produtiva* – aqui consideramos os restaurantes, bares e lanchonetes onde há preparo de refeições, petiscos ou lanches, ficando excluídas as unidades produtivas onde exista exclusivamente venda de bebidas e produtos alimentícios industrializados; *prestação de serviços (exceto alimentação)* – salões de beleza, transportadora, jogos eletrônicos, além da unidade ocupada pela ONG VivaFavela, que oferece acesso à internet.

USO DE MÚSICA NA BARRACA – Buscamos, aqui, verificar a incidência de unidades produtivas que usam a música como fator de atração do público que frequenta a Feira, considerando: *música eletrônica* – uso de equipamento eletrônico para recepção programas musicais radiofônicos ou para reprodução de músicas em CDs e fitas, mesmo com o trabalho de MCs e DJs³; *música ao vivo* – apresentação de cantores ou conjuntos. Foi considerado aqui também o uso de *play back*.

TRANSPORTE DE MERCADORIAS – Consideramos veículo próprio, alugado ou fretado, do fornecedor e outra forma. Em *outra forma* estão incluídos o transporte coletivo (em ônibus, trem, metrô), o transporte a pé, de bicicleta, o transporte em veículo de amigos ou parentes sem custo adicional, entre outros.

COMPRA A MAIOR PARTE DOS PRODUTOS – Aqui consideramos as respostas do responsável e algumas vezes ele admitiu mais de um tipo de fornecedor como sendo principal: *na própria Feira, de feirantes* – resposta que veio acompanhada de explicações sobre a praticidade de acesso – já que a mais da metade dos feirantes não têm transporte próprio - e de pagamento – a maior parte dos feirantes compra na sexta-feira para pagar no domingo – ou de um certo sentido de colaboração com os companheiros instalados em unidades produtivas na Feira; *na própria Feira, de fornecedores* – quando o produtor ou fornecedor retira os pedidos nas barracas e ali entrega suas mercadorias, geralmente produtos artesanais ou de pequenas indústrias rurais, como cocadas, bolos e doces, queijos, farinhas etc, exceto os produtores ou fornecedores instalados em unidades produtivas na Feira (que foram considerados no item

³ Nota: MC é a abreviatura de *mestre de cerimônia*, atividade similar à de DJ - *disc jockey*.

anterior, *na própria Feira, de feirantes*); *fora da feira, de varejistas* – consideramos o comércio varejista em geral, mesmo se utilizado para compras de grandes quantidades; *fora da feira, de atacadistas* – consideramos o comércio atacadista em geral, incluindo aqui, também, a compra diretamente das grandes indústrias ou frigoríficos.

INFORMAÇÕES COMPARATIVAS – Aqui procuramos saber como os antigos feirantes se sentiam em relação ao novo espaço e à nova realidade. Empregamos variáveis categóricas para facilitar a compreensão e a avaliação do feirante: *muito maior, um pouco maior, igual, um pouco menor e muito menor*.

Cabe uma explicação sobre a ausência de informações referentes a ganhos financeiros, já que poderiam ser indicadores de um sem número de questões. É que a dificuldade já delineada durante as conversas e entrevistas ficou evidente na aplicação que fizemos para testar o questionário. Nesta ocasião, verificamos um alto índice de respostas claramente absurdas e recusas veladas, o que tornaria sem representatividade o conjunto das respostas. Por outro lado, os dados quantitativos se inviabilizariam não só pela negação de alguns feirantes em declarar a renda da unidade produtiva, mas também pelo desconhecimento real de outros.

2.3. O trabalho de campo

As atividades de campo relativas ao cadastramento das unidades produtivas e à aplicação do questionário transcorreram durante os meses de outubro e novembro de 2004 e se iniciaram com o cadastramento das barracas a partir da planta, já analisada, do Centro de Tradições. Nesta etapa, dividimos o espaço interno do Pavilhão em quatro áreas equivalentes (a, b, c, d) em número e tipos de barracas e, então, numeramos seqüencialmente os blocos de barracas de forma a referenciar as unidades de negócio. A planta original do Centro de Tradições tinha definido espaços para 696 barracas e boxes, mas o que se vê é que alguns espaços foram fundidos para agregar unidades produtivas em um espaço maior.

Cadastramos, inicialmente, a localização, o nome das barracas e dos respectivos responsáveis pelas atividades ali desenvolvidas, além do registro do número de pessoas ali ocupadas. Isto porque a idéia inicial era fazer um corte baseado no número de pessoas ocupadas e abordar de forma diferenciada as unidades de negócio com mais de cinco trabalhadores, por exemplo, pela possibilidade de que tivessem uma estrutura produtiva diferente daquelas com menor número de pessoas ocupadas.

Na etapa seguinte, a grande dificuldade seria reduzir no questionário o que tínhamos considerado prioritário registrar a partir do que tinha sido delineado nos depoimentos já colhidos. Além disso, seria necessário restringir detalhes significativos a uma marcação passível de tabulação e a tarefa de utilizar um único conjunto de instrumentos de levantamento. Como fazer isto diante da riqueza de possibilidades e de um território onde podemos encontrar, para usar a expressão do presidente da cooperativa dos feirantes, “desde o cabra mais lascado até o sujeito mais rico”?

Pela diversidade de atividades que se distribuem entre as barracas e pela variação na estrutura de trabalho entre elas, trabalhar com o universo mostrou-se ideal. E terminamos por optar fazer um questionário cuja abordagem contemplasse todas as barracas, independente do tamanho. O questionário foi testado em campo, em dez unidades produtivas com características distintas, quando ficou evidente a inviabilidade do levantamento das características dos trabalhadores conforme gostaríamos, sobretudo por causa do curto tempo para o fechamento da pesquisa. Feitos os ajustes necessários, chegamos à forma final do questionário, já considerando facilitar, mais tarde, a entrada e o tratamento dos dados nos programas que seriam utilizados para este fim.

Conforme já esclarecemos, nossa unidade de pesquisa foi o empreendimento produtivo, que chamamos *unidade produtiva*. Foram projetados cinco tipos de barracas, que sofreram ou podem sofrer fusões de acordo com a necessidade ou interesse do responsável/proprietário. A configuração original (Quadro 1, Anexo 1) não foi a que encontramos no cadastro inicial. O universo da nossa pesquisa está resumido no Quadro 2, Anexo 1.

Entre as unidades produtivas pesquisadas, 224 ocupam-se de serviços de alimentação, 59 vendem gêneros alimentícios, 64 vendem roupas e acessórios do vestuário e 69 poderiam se caracterizadas como bazar, com venda de artesanato, brinquedos, bijouterias e miudezas. Há 21 unidades produtivas que comercializam CD. Esta caracterização é uma tentativa para apresentar a heterogeneidade da Feira, como sintetiza o Quadro 3, no Anexo 2, mas cada grupo de atividades pode incorporar outras, como o feirante que conserta relógios mas também vende refrigerante ou a feirante que vende doces e prepara tapioca mas também utiliza a unidade produtiva para vender churrasquinho de queijo de coalho.

Hoje a Feira agrega 163 pessoas naturais do Estado do Rio de Janeiro (32%), muitas das quais filhos e netos dos primeiros feirantes. Como mostra a Figura 3, é grande o percentual de feirantes que migraram há mais de 30 anos na Feira. A Feira só não poderia ser caracterizada como carioca pelo percentual de pessoas naturais de Estados do Nordeste, 59%. Entre não-nordestinos ou cariocas, há cinco estrangeiros. É cada vez mais fácil encontrar um produto “nordestino” fabricado aqui no Estado do Rio de Janeiro ou em estados vizinhos, como Minas Gerais e Espírito Santo.

A Feira-no-Centro continua basicamente formada por barracas pequenos empreendimentos sob a responsabilidade de famílias, parentes, amigos da região de origem – e muitos cariocas descendentes de nordestinos, como representado na Figura 4.

O tempo de migração dos feirantes deixa clara a relação entre a época dos grandes fluxos migratórios e o nascimento da Feira, como ilustrado na Figura 1 - Tempo de migração dos feirantes – no Anexo 2.

O abastecimento de produtos regionais nordestinos é sustentado por uma rede de pequenos e médios produtores e comerciantes. Na Favela Nova Holanda, em Bonsucesso, há um mercado - Irmãos Ferreira - que comercializa uma grande variedade de produtos nordestinos, desde peixe seco a cereais, temperos, doces, rapadura etc. Comprar em estabelecimentos maiores pode ser a certeza de encontrar produtos com um padrão constante de qualidade e na quantidade desejada, o que não interfere diretamente nos muitos fornecedores que passam de barraca em barraca entregando ou oferecendo rapadura, queijo e doces, entre outros artigos. Próximo à estação ferroviária Central do Brasil também é possível comprar alguns produtos regionais, e é comum a referência ao ‘Mercado da Central’ [do Brasil].” É importante ressaltar que estão incluídos em *outros* não só os feirantes que declararam comprar de fontes informais, mas aqueles que produzem o que vendem, como os agricultores e pequenos criadores.

As mercadorias perecíveis exigem cuidados e renovação/reposição constante. Não há estoque de mercadorias na maior parte das unidades de negócio; os pequenos feirantes compram em pequenas quantidades e costumam buscar promoções em supermercados e entrepostos, o que pode explicar porque 84,54% dos feirantes guardam as mercadorias apenas na própria barraca e 10,52% guardam mercadorias em casa. Verificamos que somente 10 feirantes têm depósito fora da feira e de casa.

O funcionamento básico do Centro de sexta a domingo - algumas unidades de negócio funcionam outros dias também – impõe uma pesada rotina de trabalho principalmente nas

pequenas unidades de negócio: algumas abrem na sexta à tarde e só fecham no domingo à noite. Na grande maioria de unidades produtivas estão parentes e amigos, onde as atividades de quem seria o dono do negócio e as dos “ajudantes” nem sempre estão claras. Em 72% das unidades produtivas há trabalhando, pelo menos, uma pessoa da família do responsável.

A participação de membros da família em micro e pequenos empreendimentos no Brasil já havia sido sinalizado pelo IBGE (2003), quando distinguiu as empresas *familiares* das que chamou *empregadoras*.⁴ Referidas a levantamentos de 2001, 45,3% das micro e pequenas empresas eram familiares e 54,7 eram empregadoras; 926,8 mil e 1,1 milhão, respectivamente. Dados do IBGE dão conta que, no Brasil, 40,5% da ocupação nas micro e pequenas empresas correspondem ao trabalho dos proprietários, sócios e pessoas da família.

Acompanhando as tendências já sinalizadas em estudos da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o grau de sindicalização, cobertura por contratos coletivos de trabalho e proteção legal nas micro e pequenas empresas em geral tendem a ser menores do que aqueles registrados nas grandes empresas,⁵ como ilustra a Figura 2, no Anexo 2.

A situação dos feirantes responsáveis pelas unidades produtivas não é das melhores, também: entre os 317 feirantes que declararam ter como única fonte de renda as atividades da Feira (63% do total), apenas 93 mantém algum vínculo previdenciário, ou seja, o percentual cai para 29,33.

O Centro é majoritariamente constituído por pequenas unidades de negócio sob a responsabilidade de membros de uma mesma família que têm autonomia – ou participação - no que poderíamos chamar processo empresarial. Utilizo a expressão “pequeno feirante” para designar a grande maioria que trabalha com mais um ou dois ajudantes, geralmente da família. As pequenas unidades onde encontramos o empreendimento individual ou até três que se revezam no trabalho representam cerca de 70% das unidades da Feira. Mas Hoje, 2,18% do total de unidades produtivas com mais de 15 trabalhadores são responsáveis por 17,3% do pessoal ocupado no Centro.

Como dissemos antes, o trabalho de um feirante é muito mais que estar na barraca. Se computarmos os deslocamentos para as compras e manutenção da unidade produtiva, este tempo aumenta significativamente. Neste ritmo, quando o cansaço é insuportável, alguns trabalhadores dormem na própria unidade produtiva em colchonetes ou redes, por necessidade ou facilidade, o que ocorre com frequência em 240 unidades produtivas, apenas às vezes em 46 e raramente em 6 unidades produtivas.

3. Considerações finais

A Feira é uma complexa rede de apoio, que envolve vários produtores e prestadores de serviços. O registro do número de pessoas que trabalham nas unidades produtivas da Feira não dá a idéia do grande contingente de pessoas ocupadas num diversificado conjunto de atividades que surgiram e se desenvolvem tendo a feira como eixo – ou âncora, como preferem alguns.

A Feira reflete, em seu arranjo de produção, fortes características de troca e movimento que encontramos na cultura. E fica evidente que estas características estão na base da explicação para o gradual desenvolvimento de relações sociais e políticas que ali atuaram. Assim, as políticas oficiais que propiciaram o surgimento e a consolidação do Centro de Tradições atuaram sobre uma intrincada rede de relações pessoais, familiares, políticas etc, que lhe era

⁴ Nota: Pelos critérios definidos para a pesquisa, as empresas *empregadoras* tinham pelo menos uma pessoa na condição de empregado e nas *familiares* trabalhavam apenas proprietários, sócios e/ou membros da família.

⁵ Nota: Não nos referimos aqui às empresas de base tecnológica, sobretudo as que atuam nas áreas de software, telecomunicações, engenharia ambiental e componentes sofisticados para a indústria de informática.

anterior – ou seja, estas políticas não se deram em um vácuo, mas sim sobre uma realidade lentamente construída, que ajudaram a desenhar.

Lastres, Cassiolato e Maciel (2003) observam que as estratégias de desenvolvimento “de baixo para cima” possuem um caráter mais “difuso” e são sustentadas por fatores não apenas econômicos, mas também sociais, materiais e territoriais. Isto posto, é preciso estar atento para não permitir que a ótica romântica da ajuda mútua e da união para o bem comum possa favorecer a possibilidade de burlar a legislação trabalhista e tributária e abrigar uma variada gama de irregularidades.

A importância econômica da Feira é inquestionável. O banco de dados que criamos pode ser acessado no LTDS, Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social, da UFRJ/COPPE. Centro de Tecnologia, Bloco F, sala 123. Ilha do Fundão, Rio de Janeiro.

Referências

IBGE. *As micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

IBGE. ECINF Economia Informal Urbana – 2003. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

IBGE. ECINF Economia Informal Urbana – 1997. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

JESUS, Gilmar M. de - *O Lugar da feira-livre na grande cidade capitalista: conflito, mudança e persistência. (Rio de Janeiro: 1964 - 1989)*. Tese. Rio de Janeiro: Instituto Geociências, UFRJ, 1991.

LASTRES, Helena M.M., CASSIOLATO, José E., MACIEL, Maria L. *Pequena Empresa: Cooperação e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: Relume Dumará e IE/UFRJ, 2003.

ANEXO 1

CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS		
Tipo de barraca	Área	Quantidade
A	96m ²	60
B	48m ²	64
C	68m ²	8
D	24m ²	152
E	12m ²	268
F1	6m ²	24
F2	6m ²	24
F3	6m ²	32
F4	6m ²	32
Subtotal		664
Boxes		32
TOTAL		696

QUADRO 1 - Configuração original das barracas

CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS		
ATIVIDADE DESENVOLVIDA	NÚMERO DE UNIDADES PRODUTIVAS	
	Absoluto	Relativo(%)
Venda de produtos de terceiros	263	52,2
Venda de produtos de fabricação própria (em outro local)	73	14,5
Preparo de refeições na unidade	152	30,1
Prestação de serviços	16	3,2
TOTAL	504	100

QUADRO 3 – Caracterização das atividades das unidades produtivas.

CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS	
Unidades produtivas pesquisadas	504
Recusas	5
Depósitos	16
Anexos ou extensões ou espaços não-contíguos	7
Utilizadas para outros fins	5
Fechadas ou vagas	27
TOTAL	564

QUADRO 2 – Universo da pesquisa

FIGURA 1 - Tempo de migração, em anos

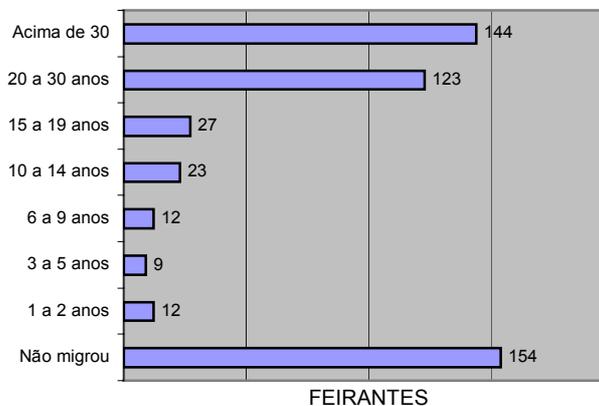


FIGURA 2 - Percentual de pessoas que trabalham nas Unidades Produtivas, segundo a forma de vínculos com o responsável

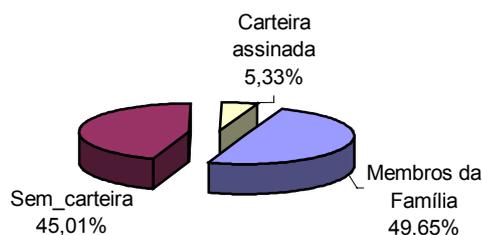


FIGURA 3 - Número de feirantes, por tempo de feira, em anos

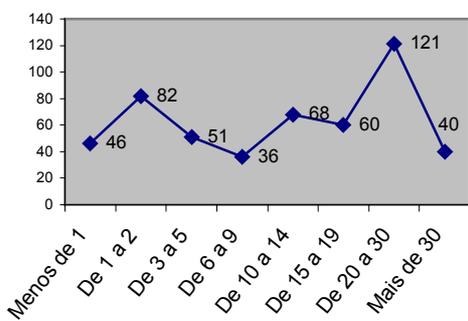


FIGURA 4 - Unidades produtivas segundo as pessoas ocupadas

